

## 5. Considerações Finais - O Nosso Bordado

Nosso problema circundava a questão: qual o papel do teólogo na escola católica sob a perspectiva de uma escola em pastoral? A partir daí nos perguntamos: que contribuição a teologia pode oferecer a uma proposta de educação escolar católica? Quais as condições possíveis para um diálogo contemporâneo entre teologia e educação? Como aplicar a educação libertadora no cotidiano da escola católica?

A primeira consideração a que chegamos é de que o nosso bordado não acabou. Há muitos fios a serem tecidos e trançados no universo da escola católica. Percebemos na nossa tarefa "bordadeira" que os caminhos os quais perpassam o diálogo entre a teologia e a educação vêm sendo traçados, há algum tempo.

Entre "materiais de carpintaria", riscos de bordados e tecidos construímos o nosso pensamento. Ao nos depararmos com a dúvida sobre quais são os acontecimentos simbólicos, os sinais nos quais uma pessoa, um/a jovem, um adolescente pode perceber o Deus de Jesus Cristo, o Deus que leva a um compromisso ético-solidário, fomos concluindo no tecer do nosso trabalho que a presença do/a teólogo/a na escola católica colabora qualitativamente para que tais sinais se tornem perceptíveis. Teologia e Educação se mostram parceiras não somente desejadas, mas necessárias.

O desejo de se educar sujeitos comprometidos com a realidade, justos, solidários, cientes da sua própria liberdade e da liberdade do/a outro/a, como nos pedem as conferências episcopais de Medellín e Puebla, está presente na escola católica. Vimos que a teologia da libertação na América Latina, enquanto reconhecimento da causa dos empobrecidos/as e que hoje tem em uma de suas vertentes a questão da inculturação (Libânio & Murad, 2002, 192) alimentou e alimenta esse objetivo.

Nas seis escola que pesquisamos, ficou-nos também evidente que a busca pelo transcendente, pela vivência de uma espiritualidade encarnada alimenta essa caminhada na construção do Reino de Deus, através da educação católica.

Contudo, na execução de sua vocação, constatamos, através da pesquisa realizada, que há na escola católica algumas tensões.

Ao compararmos os documentos das escolas (projetos políticos-pedagógicos) e as falas dos nossos sujeitos, percebemos que as direções estão “afinadas” com o teor destes, no tocante a educação para a justiça, para a solidariedade, para a prática do bem comum. O compromisso com a pessoa humana, a necessidade de se construir uma comunidade educativa, assim como a relevância do setor pastoral aparecem no dizer das direções de uma forma consoante. Já professoras e teólogos/as evidenciam que estes compromissos, ainda, não são vivenciados de forma plena: é presente na escola católica a preocupação com a pessoa humana, porém, por vezes a excessiva preocupação com a excelência acadêmica por parte de alguns membros do corpo docente e da maioria das famílias que procuram os colégios católicos tornam este compromisso mais difícil de ser vivido.

Ficou-nos claro que para os/as nossos/as entrevistados/as é preciso que a escola católica fuja da armadilha do "academicismo" e invista, sem abrir mão da qualidade de seu ensino, no aspecto da missão.

Aliás, qualidade de ensino, formação humanista e espiritual é o que a diferencia no mercado, um outro elemento desafiador hoje à escola católica. A sobrevivência financeira tem sido um dos fatores de preocupação da instituição escolar católica; para os/as nossos/as entrevistados/as, quanto mais a escola católica definir a sua identidade, aquilo que lhe constrói, o motivo de sua existência, conjugando eficiência científica e técnica à consciência ética, mais sobressairá no cenário educacional; na medida que tiver claro a possibilidade de formar pessoas solidárias e competentes, ao mesmo tempo sensíveis ante a realidade sociocultural e bem preparadas academicamente, preparadas para o mercado de trabalho sem perder de vista o olhar solidário, mais se destacará.

Vimos, através das falas de professoras e teólogos/as, que o reconhecimento do setor pastoral enquanto departamento de real importância na escola católica ainda é um desafio. Embora já se tenha caminhado nesta questão, principalmente com a busca de uma sólida formação acadêmica nos campos da teologia e da educação dos profissionais que trabalham neste setor, ainda é sentido por nossos/as entrevistados/as que há tarefas que são tidas como próprias das aulas de educação religiosa ou do setor de pastoral dentro dos colégios. Em nossa interpretação é como se houvesse a esfera do religioso e do profano dentro do universo escolar, onde o acadêmico residisse no profano e as demais atividades

religiosas e sociais ficassem na vertente do religioso. A escola católica é chamada a enfrentar este desafio, no dizer de Jung Mo Sung (2002, 56) é preciso assumir a interdisciplinariedade como um fato.

A participação da família vem a ser um outro motivo de tensão na escola católica. Há muita cobrança, com mútuas acusações: as famílias cobram da escola tarefas que anteriormente lhes pertencia; por outro lado, a escola cobra dos pais que dêem referenciais religiosos e de convivência humana aos/às filhos/as. Neste sentido, o colégio católico é desafiado a dialogar com as famílias, ouvir o que esperam da escola, ao mesmo tempo deixando claras quais são as suas propostas, trocando idéias sobre os passos a serem dados para a educação das crianças e dos jovens.

Temos em nossos colégios muitos pais e mães que trabalham fora de casa, alunos/as com uma enorme agenda diária a cumprir, entre vai e vem a cursos, esportes e lazer, que também virou tarefa. Além disto, as relações intra-familiares mudaram e pode ser um dos fatores que têm feito as famílias deixarem nas mãos das escolas uma tarefa que, anteriormente, lhes pertencia: a da preparação dos filhos/as para a convivência humana. A escola católica é chamada, então, para bem cumprir a sua missão, a criar momentos de interação entre pais e mestres buscando formar realmente uma comunidade educativa.

Uma certa tensão também foi vista na questão da presença do teólogo na escola católica no concernente a participação de leigos/as num lugar que era, anteriormente, destinado a padres e religiosos. Em muitas escolas isto tem sido um motivo de dificuldades para os/as teólogos/as leigos/as, fato aliás percebido pelas direções. Mais que dificuldades, diríamos que é um desafio assumido criativamente pelos/as teólogos/as leigos/as que trabalham nos colégios católicos. Estes/as, vêm trabalhando com cuidado, respeitando os antecessores e se afirmando no espaço escolar, oferecendo um olhar diferenciado às questões que, hoje, atingem a escola, procurando não “queimar etapas”.

Constatamos, também, que há uma tensão entre as escolas católicas no concernente aos sacramentos oferecidos. Não há um consenso entre os colégios sobre o oferecimento ou não de uma preparação aos sacramentos iniciais, assim como em relação à forma como este se dá: vinculado à paróquia local, vinculado às estratégias diocesanas ou com uma linha própria, embora se mantendo a fidelidade eclesial. Num mundo secularizado e pluralista, cada instituição escolar

católica é chamada a intervir neste aspecto da formação cristã de acordo com a própria realidade onde atua, separando o catequético da formação religiosa. Segundo Panini (1999, p. 46):

Mesmo supondo que a tendência normal seja a realização das grandes celebrações sacramentais da iniciação cristã (...) no templo paroquial, como sinal de união com a Igreja local, pode haver mesmo assim, outra conveniência para os destinatários (...)

Talvez nas escolas dos grandes centros urbanos, onde de maneira geral os estudantes não freqüentam as paróquias, o mesmo acontecendo com professores/as, funcionários/as e famílias dos alunos/as seja a escola católica uma boa oportunidade de se atingir a estas pessoas. É um problema a ser pensado junto com as questões da pastoral urbana. Ao mesmo tempo, o colégio católico é desafiado a não fazer uma espécie de “pastoral da cristandade” tentando inserir, especialmente seus educandos, em atividades que são próprias de quem fez uma adesão explícita à fé cristã. Afinal, hoje, no campo da educação religiosa já não cabe a norma, a catequese, a doutrinação tão somente, mas a educação para o sentido de religiosidade, para a tendência humana a se encontrar em Deus, e esta é expressa, segundo a antropologia teológica, através da experiência do encontro com o outro que interpela e, ao mesmo tempo, na profundidade da própria pessoa; na atitude solidária que encaminha à orientação fundamental e na experiência do "totalmente Outro" que é o próprio Deus.

Hoje, uma escola que anseie por construir uma comunidade educativa, termo próprio de Medellín que vai repercutir na perspectiva de uma "escola em pastoral", é desafiada a dialogar com os membros das diferentes religiões que perpassam por ela, sejam professores/as, alunos/as, funcionários ou pais dos estudantes e com as diferentes culturas que residem hoje nos colégios católicos. Temos, muitas das vezes, pais e professores “modernos”, cartesianos e alunos “pós-modernos” em um mesmo espaço: uns se apegam a certezas quase absolutas sobre o que é certo ou errado e outros questionam valores considerados absolutos; para alguns a questão do tempo e do espaço é clara, para outros basta um clicar de botão que todo um universo se abre na tela do computador, não importando nem o fuso horário; chega-se a qualquer lugar do planeta em segundos. É este o

lugar de missão da escola católica, é nele que é desafiada a dialogar e fazer as palavras de Jesus Cristo ganharem em vida e importância.

Segundo França Miranda (2001, 10) é:

...fundamental que o anúncio do Evangelho esteja inserido nesse quadro cultural, seja por ele entendido, apareça como fator de identidade, convença como referência vital, possibilite experiências marcantes, determine a vivência cotidiana, ilumine o sem sentido, fortifique na crise, desperte esperança e abra ao futuro.

Vimos que, hoje, uma escola que deseja atuar em pastoral tem o desafio de proporcionar experiências do amor de Deus entre seus membros: professores/as, funcionários/as, pais/mães e estudantes. Para França Miranda, a experiência da salvação é central no cristianismo e esta, necessariamente, leva a um compromisso com o outro, o injustiçado, o solitário, o empobrecido; no dizer de Dussel, o outro provocador.

Como levar, então, a comunidade educativa a experimentar o amor de Deus? Os setores de pastoral têm procurado investir em trabalhos solidários, como visitas a orfanatos, campanhas de solidariedade, visita a asilos, nada que seja novidade para as escolas católicas. Porém o grande desafio a que a escola católica é chamada hoje é fazer com que tais experiências sejam reais experiências de Deus e não se deter no mero assistencialismo.

Lembramos de um poema de Adélia Prado (1986, 33), onde ela fala sobre a singela da experiência de Deus:

Experimentar Deus  
 Um dia, apanhando goiabas com a menina,  
 ela abaixou o galho e disse pro ar  
 - inconsciente que me ensinava -  
 "goiaba é fruta abençoada."  
 Seus movimentos e rostos iluminados  
 agitavam no ar poeira e Espírito:  
 o Reino é dentro de nós,  
 Deus nos habita...  
 Não há como escapar à fome de alegria...

Adélia Prado

Como levar toda a comunidade educativa a perceber esta “fome de alegria” que reside na pessoa humana? Como sensibilizar os seus membros para a existência do grande Outro?

Uma prática que chamou-nos a atenção em duas das escolas entrevistadas é a das "missões de férias", onde alunos/as e professores/as, de classe média, convivem num certo período em lugares de grandes necessidades econômicas, mas que ao mesmo tempo têm um forte vínculo religioso. Pode ser uma maneira criativa de apresentar às comunidades educativas o outro provocador que interpela e muda o caminho, “converte” cabeças e corações.

Segundo Dussel (1995, 19):

...o ‘eu próprio’ do ‘ouvinte-responsável’ só se afirma como um valor à medida que ‘antes’ tiver sentido o impacto da súplica do outro, com anterioridade a qualquer reflexão possível. A ‘responsabilidade’ ou o ‘assumir o outro’ é anterior a qualquer consciência reflexa. Só respondemos com ‘responsabilidade’ à presença do infeliz quando este já nos ‘comoveu’.

Em outras palavras diríamos, aquilo que nos comove nos move, possibilita a transformação do próprio eu, através da vivência da alteridade. Aos educandos e professores/as é dada a possibilidade, nestas “missões” de experimentarem a pobreza material e, ao mesmo tempo, a riqueza dos que aderiram a fé de Jesus Cristo. À primeira vista, poderíamos pensar que ao/à aluno/a ficaria a impressão de que só pobre acredita em Deus ou vive na Igreja, porque não tem outra opção de vida, porém não foi o que nossos entrevistados/as e as nossas visitas às escolas nos transmitiram: a presença de grupo de jovens que expressam maior vinculação a fé cristã aumentou nas escolas que realizam esta dinâmica.

Quem sabe, de experiências semelhantes a estas podem brotar em alunos/as e professores/as o conceito de Família Humana citado por Garcia Roca (1999, 61)?

No interior do modelo familiar, cada um é atendido segundo suas necessidades e reproduz as relações de reciprocidade que convertem seus membros em aliados. Ela só garante sua existência como família se em seu interior circulam os dons entre velhos e jovens, fracos e fortes, são e doentes, homens e mulheres (...) Na família beneficia-se aquele que está em pior situação...

As experiências de solidariedade podem ser uma semente que faça frutificar uma consciência que seja planetária (Garcia Roca, 1999, 51). Contudo é

necessário enfrentar o desafio de tornar estas experiências, ocasiões de se vislumbrar o amor de Deus.

Para que tal experiência se torne realidade e a escola atue em pastoral, acreditamos ser interessante a presença de um bacharel de teologia no colégio católico. Aos novos desafios enfrentados pela escola católica (o pluralismo religioso presente em seu interior, a possibilidade de uma leitura equivocada da secularização, as novas tecnologias que trazem uma nova concepção de tempo e espaço geográfico, a nova estrutura das famílias dentre outras realidades que vimos no nosso trabalho de campo) o/a teólogo/a pode, em conjunto com o setor pedagógico do colégio, ajudar a responder.

Para García Roca (1999, 33) urge um novo modelo educacional cristão e, diante do que a nossa pesquisa de campo nos revelou, o bacharel de teologia tem muito a contribuir na concepção deste novo paradigma, trazendo ao universo escolar os conceitos teológicos de liberdade, alteridade, experiência, atos livres e orientação fundamental. O profissional de teologia, percebe o universo escolar como um lugar de encontro de liberdades (a liberdade do professorado, dos funcionários, das direções, das famílias), de relação rosto a rosto, conduzindo criativamente a todos a terem um postura diante do outro e de Deus.

Segundo França Miranda (1991, 73):

...a liberdade humana atua sempre na situação que ela encontra, que lhe é imposta, que é o seu próprio pressuposto; a situação não é algo exterior à decisão livre, mas o material onde ela se dá (...) A validade eterna do sujeito livre é também a definitividade de sua história e do que a condicionou; logo a história da liberdade pessoal é condicionada pela história da liberdade de outros homens.

O bacharel de teologia, por formação, tem condições de enxergar a real situação onde se encontram famílias, professores/as, funcionários/as e alunos/as, de perceber quais são os sinais de vida e morte presentes em seus contextos vitais, atualizando a tradição salvífica cristã, realizando a denominada inculturação.

Para França Miranda (1996,23):

Como Jesus Cristo trouxe a salvação para toda a humanidade e o Evangelho não está preso a cultura alguma, qualquer cristão tem o direito de viver a sua fé a partir de sua cultura. Isto significa que ele possa exprimi-la, professá-la, celebrá-la e sobretudo vivê-la como o núcleo que unifica, anima, purifica, aprofunda e fundamenta sua cultura. (...) Não se trata de uma tradução superficial de palavras ou de ritos, mas de fazer surgir algo novo, mantendo a identidade da fé cristã.

A preocupação com a manutenção da identidade cristã foi uma constante preocupação que aparece em nossas entrevistas. Vimos, através da pesquisa do IBGE citada em nosso primeiro capítulo, que o Brasil é um país diversas crenças, onde o catolicismo tem diminuído e o número dos sem religião (mas não necessariamente sem Deus) têm crescido e a escola católica é chamada a responder a este desafio. Ao mesmo tempo, ideais propostos somente por escolas católicas num passado recente (principalmente no concernente a atitudes solidárias), foram também incorporados por colégios não confessionais, com outras propostas educacionais; como pode a escola católica sobreviver financeiramente a esta nova realidade? Segundo os/as nossos/as entrevistados/as, na medida que mantiverem o seu norte primeiro: a evangelização.

Para Sung (2002, 19), as escolas católicas surgem no século XIX objetivando formar pessoas com valores éticos e religiosos, respondendo às necessidades de uma determinada época; hoje, estes ideais necessitam ser atualizados, se desejamos manter o objetivo primeiro da educação católica, buscando educar nossos/as alunos/as para a vivência de valores cristãos, precisamos também levá-los/las a experiências do transcendente que conduzem a atitudes voltadas para o bem; fazendo-se brotar um novo conceito de sabedoria (Garcia Roca, 1999, 37). Neste contexto, os departamentos de pastoral dos colégios católicos demonstraram ser fortes aliados nesta nova construção do conhecimento enquanto bem humanitário.

Vimos, através das falas de direções e professoras que os departamentos de pastoral têm realizado um crescente trabalho de inculturação, de construção de conhecimento, de participação cidadã, proporcionando, de acordo com as realidades das escolas, experiências do sagrado. Ora com celebrações litúrgicas, ora com danças, teatros, inserção de alunos e professores em comunidades carentes economicamente, mas de profunda vivência de fé cristã. Ações onde toda a comunidade escolar vai se envolvendo: encontro para pais, alfabetização de funcionários feita por professores/s, retiros oferecidos à comunidade, uma série de situações que vão criativamente tecendo os três eixos pedidos por Medellín para que uma escola atue em pastoral: koinonia, diakonia e kerigma, ou seja, uma escola que necessita trabalhar a dimensão de testemunho de quem aderiu a fé de Jesus Cristo, colocando-se a serviço da humanidade, anunciando a Boa Nova; transformando-se num centro cultural, social e espiritual.

Em nossas entrevistas, professoras e direções nos mostraram o quanto a presença do/a teólogo/a na escola católica tem contribuído efetivamente para isto, trazendo um norte para o setor pastoral, dando segurança aos professores de educação religiosa e costurando as relações de toda a comunidade educativa. É considerado/a como aquele/a que traz um olhar diferenciado às tensões existentes nos colégios

Por tudo isto acreditamos ser preciso que na equipe formadora do departamento pastoral haja pessoas portadoras de um olhar teológico, somado a um olhar pedagógico, já que, numa pedagogia libertadora, em nosso entender, educar sujeitos com sentido crítico é anunciar a Jesus Cristo, Aquele que conhece e revela o Pai (Jo 5, 19-24) e envia o Paráclito (Jo 14, 15-17). Aquele que liberta homens e mulheres em nome do amor fraterno: a mulher enferma há 18 anos (Lc 13, 10-13), os leprosos (Lc 17, 12-18), o rico desonesto (Lc 19, 1-10) e tantos/as outros/as.

O profissional de teologia, com formação pedagógica e bacharelado em teologia, a nosso ver, seria aquele que orientaria professores de religião e agentes de pastoral para que atuassem na construção de uma escola em pastoral e, ao mesmo tempo, ao lado do setor pedagógico da escola mantendo a preocupação de criar condições para que todo o professorado presente no colégio, funcionários/as e famílias pudessem colaborar no tecido de uma real comunidade educativa.

Educar para a liberdade, construir uma sociedade justa, solidária, participativa é anunciar o Reino de Deus. É caminhar para a maturidade, crescer como pessoa, como cidadão maduro e solidário, sensíveis ao projeto apresentado por Jesus Cristo ao mundo. A teologia, por conseguinte o teólogo/a, percebe que a revelação de um Deus pessoal ajuda o ser humano a se auto-reconhecer como pessoa, sujeito da própria história e responsável pela história do outro/a.

O/a teólogo/a presente na escola católica pode ajudar o setor pedagógico a ler os sinais de Deus dentro da realidade escolar, assim colaborando na manufatura de uma grande rede de relações que no interior da escola vão se estabelecendo, colaborando para a construção de uma escola que deseje atuar em pastoral.

É o início do nosso bordado. O risco? O traço? Só Deus sabe.